



PENGUIN  COMPANHIA

CLÁSSICOS

ISAAC BÁBEL
Contos de Odessa

ISAAC BÁBEL
Contos de Odessa

Tradução do russo, apresentação e notas de
RUBENS FIGUEIREDO



PENGUIN

COMPANHIA DAS LETRAS

O Rei

O casamento terminou, o rabino se deixou cair na poltrona, depois saiu do quarto e observou as mesas dispostas ao comprido em todo o pátio. Eram tantas que a fila se prolongava para além do portão e seguia pela rua Gospítalnaia. Cobertas de veludo, as mesas serpenteavam pelo pátio como cobras com remendos de todas as cores costurados na barriga, e eles — os remendos de veludo laranja e vermelho — cantavam com vozes grossas.

Os cômodos foram transformados em cozinhas. Através das portas fumacentas, via-se o fogo farto, o fogo embriagado e gordo. Em seus raios fumegantes assavam rostos de velhas, papadas trêmulas de mulher, peitos gordurosos. Um suor rosado como sangue, rosado como a baba de um cão raivoso, contornava aqueles peitos de carne humana estufada, docemente fedorenta. Três cozinheiras, sem contar as lavadoras de pratos e panelas, preparavam o jantar do casamento e, acima delas, reinava a octogenária Reizl, tradicional como um rolo da Torá, miúda e corcunda.

Antes do jantar, se intrometeu no pátio um jovem desconhecido dos convidados. Perguntou por Bénia Krik. Bénia Krik o levou para um canto.

— Escute, Rei — disse o jovem. — Vim dar uma palavrinha com você. Quem me mandou aqui foi a tia Jana, da rua Kostiótskaia...

— Sei, entendi — respondeu Bénia Krik, apelidado de Rei. — E que palavrinha é essa?

— Ontem chegou à delegacia o novo comissário de policia, a tia Jana me mandou avisar ao senhor...

— Eu já sabia disso desde anteontem — respondeu Bénia Krik — O que mais?

— O comissário de policia reuniu o pessoal da delegacia e fez um discurso...

— Vassoura nova varre bem — respondeu Bénia Krik — Ele quer dar uma batida. O que mais?

— E quando vai ser a batida, o senhor sabe, Rei?

— Vai ser amanhã.

— Rei, vai ser hoje.

— Quem foi que disse isso para você, menino?

— Foi a tia Jana. O senhor conhece a tia Jana?

— Conheço a tia Jana. O que mais?

— O comissário reuniu o pessoal da delegacia e fez um discurso: “Nós temos

de sufocar Bénia Krik”, disse ele, “porque, onde existe um soberano imperador, não pode existir um rei. Temos de dar uma batida hoje, quando Krik for casar a irmã e todos estiverem lá juntos...”.

— O que mais?

— ... aí os tiras começaram a ficar com medo. Falaram: se a gente der uma batida hoje, quando ele está dando uma festa, o Bénia vai ficar furioso e vai correr muito sangue. Aí o comissário disse: “Para mim, a reputação está acima de tudo...”.

— Certo, pode ir — respondeu o Rei.

— O que o senhor quer que eu diga para a tia Jana sobre a batida?

— Diga: Bénia sabe da batida.

E o jovem foi embora. Depois dele, saíram três amigos de Bénia. Disseram que iam voltar em meia hora. E voltaram meia hora depois. E foi só isso.

As pessoas se sentaram à mesa sem levar em conta a idade. A velhice estúpida não dá mais pena do que a juventude covarde. Também não levaram em conta a riqueza. O forro de uma carteira gorda é costurado com lágrimas.

No lugar mais importante da mesa, sentaram-se o noivo e a noiva. Era o dia deles. No segundo lugar, sentou-se Sênder Eikhbaum, sogro do Rei. Era seu direito. A história de Sênder Eikhbaum merece ser contada, porque não é uma história qualquer.

Como foi que Bénia Krik, ladrão e rei dos ladrões, se tornou genro de Eikhbaum? Como se tornou genro de um homem que possuía sessenta vacas leiteiras, menos uma? Pois é, tudo foi por causa de um assalto. Um ano antes, Bénia tinha escrito uma carta para Eikhbaum.

“Monsieur Eikhbaum”, escreveu, “peço ao senhor que, amanhã de manhã, coloque vinte mil rublos embaixo do portão do número 17 da rua Sofievskiaia. Se o senhor não fizer isso, algo nunca visto espera o senhor, e toda Odessa vai falar do senhor. Com respeito, Bénia, o Rei.”

Três cartas, uma mais clara que a outra, ficaram sem resposta. Então Bénia tomou uma atitude. À noite, saíram nove homens com sarrafos compridos nas mãos. Os sarrafos tinham na ponta estopa encharcada de alcatrão. Nove estrelas ardentes se acenderam no curral de vacas de Eikhbaum. Bénia arrebitou a fechadura do estábulo e começou a tirar as vacas, uma a uma. Um rapaz as esperava com uma faca. Ele derrubava a vaca com uma pancada e mergulhava a faca no coração do bicho. Sobre a terra coberta de sangue, os archotes floriam como rosas de fogo, e tiros trovejavam. Com os tiros, Bénia enxotava as empregadas que tinham vindo correndo para o estábulo das vacas. E atrás dele outros ladrões começaram a atirar para o alto, porque, se não atirassem para o alto, podiam matar alguém. E aí, quando a sexta vaca tombou aos pés do Rei com um mugido moribundo, o monsieur Eikhbaum saiu para o pátio, só de ceroulas, e perguntou:

— Onde isso vai parar, Bénia?

— Se eu não tiver o dinheiro, o senhor não vai ter vacas, monsieur Eikhbaum. Simples que nem dois mais dois.

— Entre aqui, Bénia.

E, lá dentro, fecharam um acordo. As vacas massacradas foram divididas

meio a meio, entre os dois. Eikhbaum recebeu uma garantia de imunidade, confirmada num contrato com carimbo. Mas o incrível veio depois.

Na hora do assalto, naquela noite medonha em que as vacas moribundas mugiram e as novilhas escorregaram no sangue das mães, quando os archotes dançaram como donzelas negras e as vaqueiras recuaram de medo e deram gritos esganiçados embaixo dos canos das amistosas pistolas Browning — naquela noite medonha, a filha do velho Eikhbaum, Tsília, correu para fora de casa, de camisola decotada. E a vitória do Rei se converteu em sua derrota.

Dois dias depois, sem nenhum aviso, Bénia devolveu para Eikhbaum todo o dinheiro tomado e depois disso, numa tarde, apareceu para fazer uma visita. Estava de terno laranja, embaixo do punho cintilava um bracelete de brilhantes; entrou, cumprimentou e pediu a Eikhbaum a mão de sua filha Tsília. O velho teve um leve choque, mas se levantou. Ainda havia, no velho, vida para uns vinte anos.

— Escute, Eikhbaum — disse o Rei. — Quando o senhor morrer, vou enterrá-lo no melhor cemitério judaico, bem junto do portão. Vou construir para o senhor, Eikhbaum, um mausoléu de mármore cor-de-rosa. Vou fazer do senhor decano da sinagoga Bródskaia. Vou largar minha especialidade, Eikhbaum, e me tornar sócio de seu negócio. Vamos ter duzentas vacas, Eikhbaum. Vou matar todos os produtores de leite, menos o senhor. Não vai passar nenhum ladrão na rua em que o senhor morar. Vou construir para o senhor uma casa de campo na estação dezesseis... E lembre, Eikhbaum: na juventude, o senhor também não foi nenhum rabino. Quem foi que falsificou o testamento, isso é uma coisa que nós não vamos falar em voz alta, não é? O seu genro será um Rei, e não um pirralho qualquer, Eikhbaum...

E conseguiu o que queria, o Bénia Krik, porque era um apaixonado e a paixão domina o mundo. Os recém-casados passaram três meses na exuberante Bessarábia, no meio dos vinhedos, da comida abundante e do suor do amor. Depois Bénia voltou para Odessa para casar sua irmã Dvoira, de quarenta anos, que sofria da doença de Basedow. E agora, depois de contar a história de Sênder Eikhbaum, vamos voltar ao casamento de Dvoira Krik, irmã do Rei.

Na hora do jantar de casamento, serviram perus, galinhas assadas, gansos, peixe recheado e sopa de peixe, na qual lagoas de limão cintilavam como pérolas. Em cima das cabeças dos gansos mortos, flores balançavam como plumagens suntuosas. Mas será que as ondas espumosas do mar de Odessa trazem para a praia galinhas assadas?

Tudo que havia de mais nobre em nosso contrabando, tudo que, de uma ponta à outra, era a glória da terra, naquela noite estrelada e radiosa cumpriu sua devastadora, sua fascinante missão. O vinho estrangeiro esquentava os estômagos, quebrava as pernas docemente, entorpecia os cérebros e provocava arrotos sonoros como os apelos de uma corneta na guerra. O cozinheiro negro do “Plutarco”, que chegara de Port Said dois dias antes, trouxera para o outro lado da fronteira da alfândega bojudas garrafas de rum da Jamaica, vinho madeira oleoso, charutos das plantações de Pierpont Morgan e laranjas dos arredores de Jerusalém. Aí está o que as ondas espumosas do mar de Odessa depositam na praia, aí está o benefício que os casamentos judeus às vezes trazem aos mendigos

de Odessa. O casamento de Dvoira Krik lhes reservou o rum da Jamaica, e por isso, embriagados como porcos, como animais impróprios para os rabinos, os mendigos judeus começaram a bater com suas muletas de modo ensurdecedor. Eikhbaum, de colete aberto, espiava com o olho semicerrado a festa barulhenta e dava soluções amorosas. A orquestra tocava fanfarras. Era como uma divisão militar numa parada. Fanfarras, só fanfarras e mais nada. Os ladrões, sentados em fileiras espremidas, de início se incomodaram com a presença de gente de fora, mas depois relaxaram. Liova Ktsap arrebentou uma garrafa de vodca na cabeça de sua namorada. Mônia, o Artilheiro, deu tiros para o ar. Mas a coisa chegou ao auge do entusiasmo quando, segundo o costume antigo, os convidados começaram a presentear os noivos. Os salmistas das sinagogas pularam para cima das mesas e contavam ao som das fanfarras fervilhantes os rublos e as colheres de prata que os noivos tinham ganhado. E nisso os amigos do Rei mostraram quanto vale o sangue azul e o ainda não extinto cavalheirismo de Moldavanka.* Com um movimento displicente da mão, deixavam cair moedas de ouro, anéis e colares de coral sobre bandejas de prata.

Aristocratas de Moldavanka, eles estavam espremidos em coletes roxos, os ombros envoltos em paletós rubros, e nas pernas carnudas explodia o couro azul-celeste. Eretos, muito esticados, de barrigas empinadas, os bandidos batiam palmas no ritmo da música, gritavam “amargo”** e jogavam flores para a noiva, enquanto ela, a quarentona Dvoira, irmã de Bénia Krik, irmã do Rei, desfigurada pela doença, o papo inchado e os olhos saltados nas órbitas, estava sentada numa montanha de almofadas, ao lado de um garoto franzino, comprado com o dinheiro de Eikhbaum e emudecido de aflição.

A cerimônia dos presentes se aproximava do fim, os salmistas ficaram roucos e o contra baixo não se entendia com o violino. Sobre o pátio, se espalhou de repente um leve cheiro de queimado.

— Bénia — disse o papai Krik, um velho carroceiro tido como grosseirão entre os carroceiros. — Bénia, você sabe o que estou achando? Estou achando que estão queimando fuligem por aí...

— Papai — respondeu o Rei ao pai embriagado —, por favor, beba e coma à vontade, e não se preocupe com essas besteiras...

E o papai Krik seguiu o conselho do filho. Comeu e bebeu. Mas a nuvenzinha de fumaça ficava cada vez mais intoxicante. Aqui e ali, as beiradas do céu já estavam rosadas. E uma língua de fogo disparou para o alto, fina como uma espada. Os convidados ergueram a cabeça, começaram a farejar o ar, e suas mulheres deram gritos esganiçados. Os ladrões se entreolharam. Só que Bénia, que nada percebia, ficou desconsolado.

— Estão estragando minha festa — gritou, cheio de desespero. — Meus caros, peça a vocês que comam e bebam...

Mas naquele momento apareceu no pátio o mesmo jovem que tinha vindo no início da festa.

— Rei — disse. — Tenho de dar uma palavrinha com o senhor.

— Certo, pode falar — respondeu o Rei. — Você tem sempre uma palavrinha no estoque...

— Rei — falou o jovem desconhecido, e começou a rir baixinho. — É muito

engraçado, a delegacia pegou fogo que nem uma vela...

Os comerciantes emudeceram. Os ladrões sorriram. Manka, de sessenta anos, matriarca dos bandidos do bairro, pôs dois dedos na boca e deu um assobio tão agudo que quem estava do seu lado balançou.

— Mánia, a senhora não está no trabalho — advertiu Bênia. — Tenha sangue frio, Mánia...

O riso continuava a dismantelar o jovem que tinha trazido a notícia espantosa.

— Eles saíram da delegacia, uns quarenta homens — contou, mexendo a mandíbula. — Foram dar uma batida; assim que se afastaram uns cinquenta passos, logo começou a pegar fogo... Venham só ver, se quiserem...

Mas Bênia proibiu os convidados de irem ver o incêndio. Foi lá com dois camaradas. A delegacia queimava por igual pelos quatro lados. Os policiais, sacudindo os traseiros, corriam pelas escadas fumacentas e jogavam caixas para fora das chamas. No meio da confusão, os presos fugiram. Os bombeiros estavam cheios de entusiasmo, mas no hidrante mais próximo não tinha água. O comissário de polícia — a própria vassoura nova que varria melhor — estava parado na calçada do outro lado da rua e mordia os bigodes que se enfiavam em sua boca. A vassoura nova estava sem movimento. Bênia, ao passar pelo comissário, fez um cumprimento à maneira militar.

— Boa tarde, Vossa Excelentíssima — disse, em tom simpático. — Mas que calamidade foi essa? Um pesadelo...

Cravou os olhos no prédio em chamas, balançou a cabeça e estalou os lábios.

— Ai, ai, ai...

Quando Bênia voltou para casa, já haviam apagado os lampiões no pátio e no céu a aurora começava sua função. Os convidados se dispersaram e os músicos dormiam com a cabeça apoiada nos braços de seus contrabaixos. Só a Dvoira não estava com vontade de dormir. Com as duas mãos, empurrava o marido apavorado para a porta do quarto nupcial e lhe dirigia olhares carnívoros, como um gato que pega um camundongo na boca e o apalpa de leve com os dentes.

* Bairro de Odessa.

** Tradição nos casamentos russos. Os noivos devem se beijar, para o vinho ficar doce.

Comecei.

— Reb Arie-Leib — falei para o velho —, vamos conversar sobre Bénia Krik. Vamos falar de seu início fulminante e de seu fim horrível. Três sombras obstruem o caminho da minha imaginação. Veja o Froim Gratch. Será que o aço de seus atos não suporta a comparação com a força do Rei? Veja o Kolka Pakóvski. A fúria desse homem continha tudo o que é necessário para dominar. E será que Khaim Drong não foi capaz de enxergar o brilho da estrela nova? Mas por que só Bénia Krik conseguiu subir na escada de corda, enquanto todos os outros ficaram embaixo, pendurados nos degraus bambos?

Reb Arie-Leib ficou calado, sentado no muro do cemitério. Na nossa frente, estendia-se o verde repouso das sepulturas. O homem desejoso de uma resposta deve se munir de paciência. Ao homem dotado de sabedoria, convém ser circunspecto. Por isso Arie-Leib ficou calado, sentado no muro do cemitério. Por fim, disse:

— Por que ele? Por que não os outros, você quer saber? Pois bem, esqueça por um tempo que você tem os óculos no nariz e o outono na alma. Pare de armar escândalos atrás da mesa de seu escritório e gaguejar na frente das pessoas. Imagine por um instante que você arma escândalos nas praças e gagueja no papel. Você é um tigre, um leão, um gato. Pode passar uma noite com uma mulher russa e deixar a mulher russa satisfeita. Você tem vinte e cinco anos. Se no céu e na terra houvesse argolas, você agarraria essas argolas e juntaria o céu com a terra. E imagine que seu pai era o carroceiro Méndel Krik. Em que pensa esse pai? Pensa em tomar um bom copo de vodca, pensa em partir a cara de alguém, pensa em seus cavalos e mais nada. Você quer viver e ele obriga você a morrer vinte vezes por dia. O que você faria no lugar de Bénia Krik? Não faria nada. Mas ele fez. Por isso é o Rei, enquanto você faz figa com a mão no bolso.

Ele — o Bénia — foi na direção de Froim Gratch, que então já via o mundo com um olho só e era o que é. Disse para Froim:

— Apanhe-me. Quero ser lançado na sua praia. A praia em que eu for lançado vai sair ganhando.

Gratch perguntou:

— Quem você acha que é?

— Vem me pegar, Froim — respondeu Bénia — e vamos parar de derramar

mingau branco na mesa limpa.

— Vamos parar de derramar mingau — respondeu Gratch. — Vou provar para você.

Os ladrões se reuniram num conselho para pensar sobre Bênia Krik. Eu não fui a esse conselho. Mas dizem que se reuniram num conselho. O mais velho era o falecido Liovka, o Touro.

— O que está acontecendo na cachola desse Bênia? — perguntou o falecido Touro.

E o caolho Gratch deu sua opinião:

— Bênia fala pouco, mas fala que dá gosto. Fala pouco, mas a gente fica querendo que fale mais.

— Se é assim — exclamou o falecido Liovka —, então vamos colocá-lo à prova com Tartakóvski.

— Vamos colocá-lo à prova com Tartakóvski — decidiu o conselho, e todos que ainda abrigavam alguma vergonha enrubesceram ao ouvir aquela decisão. Por que enrubesceram? Vocês saberão, se forem aonde eu os conduzirei.

Tartakóvski, entre nós, era chamado de “Judeu e Meio” ou “Nove Assaltos”. “Judeu e Meio” porque nenhum judeu era capaz de acumular tanta audácia e tanto dinheiro quanto Tartakóvski. Ele era mais alto do que o mais alto policial de Odessa e pesava mais do que a judia mais gorda. E “Nove Assaltos” porque a firma Liovka o Touro e Cia. lançou contra seu escritório não oito nem dez assaltos, mas exatamente nove. Quanto ao Bênia, que ainda não era Rei na época, coube a honra de perpetrar contra o “Judeu e Meio” o décimo assalto. Quando Froim lhe comunicou isso, ele disse “sim” e foi embora, batendo a porta. Por que bateu a porta? Vocês saberão, se forem aonde eu os conduzirei.

Tartakóvski tem alma de assassino, mas ele é dos nossos. Suiu de nós. É do nosso sangue. Tem nossa carne, é como se a mesma mãe nos tivesse dado à luz. Meia Odessa está empregada em suas barracas. E ele sofreu nas mãos de sua própria gente, os de Moldavanka. Duas vezes o raptaram e pediram resgate, e uma vez, durante um pogrom, o enterraram junto com coristas. Os brutamontes do subúrbio, na época, batiam nos judeus na rua Bolchaia Arnaútskaia. Tartakóvski fugiu deles e topou com um enterro, com coristas, na rua Sofiskiaia. Perguntou:

— Quem é que está sendo enterrado com coristas?

Os passantes responderam que era o enterro de Tartakóvski. O cortejo chegou ao cemitério do subúrbio. Então os nossos tiraram pistolas do caixão e começaram a meter chumbo em cima dos brutamontes do subúrbio. Mas o “Judeu e Meio” não previa aquilo. “Judeu e Meio” ficou morto de medo. E qual o padrão que não ficaria com medo, no lugar dele?

O décimo assalto contra um homem já enterrado uma vez seria um ato de grosseria. Bênia, que ainda não era o Rei, entendia isso melhor do que ninguém. Mas ele disse “sim” para Gratch e no mesmo dia escreveu uma carta para Tartakóvski, semelhante a todas as cartas desse tipo:

“Prezadíssimo Ruvim Ossípovitch! Faça a grande gentileza de, no sábado, colocar embaixo do barril de água de chuva...” etc. “Em caso de negativa, como o senhor ultimamente tem se permitido fazer, uma grande desilusão na vida

familiar o aguarda. Com respeito, seu conhecido Bentsion Krik”

Tartakóvski não teve preguiça e respondeu sem demora.

Bénia! Se você fosse idiota, eu lhe escreveria como se faz a um idiota! Mas não tenho você por um idiota e Deus me livre de ver você assim. Pelo jeito, você está se fazendo de criança. Será que não sabe que neste ano, na Argentina, a safra foi tão grande que o preço caiu, e agora estamos sentados em cima do nosso trigo sem vender? Pois eu lhe digo, com o coração na mão, que já chega de comer, na minha velhice, esses pedaços de pão tão amargos e sofrer tamanhos dissabores, depois de ter trabalhado a vida inteira, como o último dos carroceiros. E o que me cabe, depois desses trabalhos forçados perpétuos? Úlceras, feridas, preocupações e insônia. Largue essas bobagens, Bénia. Seu amigo, muito mais do que você imagina, Ruvim Tartakóvski.

“Judeu e Meio” fez seu papel. Escreveu a carta. Mas o correio não entregou a carta ao destinatário. Como não recebeu resposta, Bénia ficou furioso. No dia seguinte, apareceu com quatro amigos no escritório de Tartakóvski. Os quatro jovens, de máscaras e revólveres, invadiram a sala.

— Mãos ao alto! — disseram e começaram a brandir as pistolas.

— Não tenha pressa, Solomon — disse Bénia a um deles, que gritava mais alto do que os outros. — Não vá pegar o costume de ficar nervoso no trabalho. — E, virando-se para o gerente, branco feito a morte e amarelo feito argila, perguntou: — “Judeu e Meio” está no trabalho?

— Não está no trabalho — respondeu o gerente, cujo sobrenome era Muguinchtain, e o nome, Iossif, filho solteiro da tia Péssia, vendedora de galinhas na Praça Central.

— Mas, afinal, quem é que fica no lugar do patrão? — começaram a perguntar ao infeliz Muguinchtain.

— Sou eu que fico no lugar do patrão — disse o gerente, verde que nem capim.

— Então, com a ajuda de Deus, limpe o caixa para nós! — ordenou Bénia, e teve início uma ópera em três atos.

O nervoso Solomon colocou dinheiro, documentos, relógios e monogramas dentro de uma mala; o falecido Iossif ficou parado na frente deles com os braços erguidos e, durante esse tempo, Bénia contava a história do povo judaico.

— Já que ele se faz de Rothschild — disse Bénia, referindo-se a Tartakóvski —, que arda como fogo. Me explique, Muguinchtain, como amigo: ele recebe de mim uma carta de negócios; por que ele não gasta cinco copeques para pegar o bonde e ir à minha casa e beber vodca com minha família e comer o que Deus nos servir? O que foi que impediu que fosse falar comigo com franqueza: “Bénia”, era só ele dizer, “é assim e assado, olhe aqui meu balancete, me dê um prazo de uns dias, me deixe respirar, me deixe abrir os braços”. O que é que eu ia responder? Um porco não ajuda outro porco, mas um homem ajuda outro

homem. Muguinchtein, você entendeu?

— Entendi, sim, senhor — disse Muguinchtein, e mentiu, pois não entendia de jeito nenhum por que razão “Judeu e Meio”, um homem rico e dos mais respeitados, devia pegar o bonde e ir comer com a família do carroceiro Méndel Krik.

Enquanto isso, a desgraça rondava junto às janelas, como um mendigo ao nascer do dia. A desgraça irrompeu com estrondo no escritório. E embora dessa vez tenha tomado a forma do judeu Savka Bútsis, ela vinha bêbada como um aguadeiro.

— Opa, opa! — gritou o judeu Savka. — Me desculpe, Bênia, me atrasei. — Batia os pés no chão e sacudia as mãos. Depois deu um tiro e a bala foi acertar a barriga de Muguinchtein.

É preciso dizer mais alguma coisa? Existia um homem e depois não existe mais. Um homem solteiro vivia como um passarinho no galho e é morto por causa de uma estupidez. Entrou um judeu parecido com um marinheiro e deu um tiro, não numa garrafa qualquer para dar um susto, mas na barriga de uma pessoa. É preciso dizer mais alguma coisa?

— Cair fora do escritório — gritou Bênia e saiu por último. Mas, na fuga, teve tempo de dizer para Bútsis:

— Juro pelo túmulo de minha mãe, Savka: você vai ser enterrado junto com ele...

Agora me diga, jovem senhor que corta cupons de ações alheias: como o senhor agiria no lugar de Bênia Krik? O senhor não sabe como agir. Mas ele sabia. Por isso é o Rei e eu e o senhor estamos sentados no muro do segundo cemitério judeu e nos protegemos do sol com as palmas das mãos.

O filho infeliz da tia Pêssia não morreu logo. Uma hora depois daquilo, quando o levaram ao hospital, apareceu Bênia. Mandou chamar o médico-chefe e a enfermeira e disse para eles, sem tirar as mãos dos bolsos da calça creme:

— Tenho interesse — disse — em que o paciente Iossif Muguinchtein fique bom. Por via das dúvidas, me apresento. Bentsion Krik Cãnfora, travesseiros de ar, quarto individual, vamos dar tudo isso de coração aberto. Se não, a cada doutor, mesmo que seja doutor de filosofia, caberá não mais de três *archin* de terra.

E mesmo assim Muguinchtein morreu naquela mesma noite. E só então “Judeu e Meio” abriu o berreiro em toda Odessa.

— Onde é que começa a polícia? — vociferou. — Onde é que termina o Bênia?

— A polícia termina onde o Bênia começa — respondiam as pessoas sensatas, mas Tartakóvski não se acalmava e teve de esperar até que um automóvel vermelho, com buzina musical, tocasse na Praça Central a primeira marcha da ópera *Ride, Palhaço*.* Em plena luz do dia, o carro voou até a casinha onde morava a tia Pássia.

O automóvel rugia com as rodas, cuspiu com a fumaça, cintilava com o bronze, fedia com benzina e tocava árias com sua buzina de corneta. Do automóvel, pulou alguém e entrou na cozinha, onde a pequena tia Pêssia se debatia sobre o chão de terra. “Judeu e Meio” estava sentado na cadeira e

abaniu os braços.

— Desordeiro cretino — berrou, ao ver o visitante —, bandido, que a terra rejeite você! Que bela moda você lançou: matar gente viva...

— Monsieur Tartakóvski — respondeu Bénia Krik em voz baixa. — Já faz dois dias que choro pelo caro falecido como se fosse meu irmão de sangue. Mas sei que vocês querem cuspir nas minhas lágrimas jovens. A vergonha, Monsieur Tartakóvski, em que cofre o senhor escondeu sua vergonha? O senhor teve estômago para mandar para a mãe de nosso falecido Iossif cem míseros *karbovániets*.** O cérebro e os cabelos ficaram de pé na minha testa quando ouvi essa notícia.

Aqui Bénia fez uma pausa. Vestia um paletó cor de chocolate, calça creme e sapatos de verniz vermelhos.

— Dez mil de uma vez só — bradou ele. — Dez mil de uma vez só e uma pensão até sua morte, com os votos de que ela viva cento e dez anos. Se não, vamos sair desta casa, Monsieur Tartakóvski, e sentemos em meu automóvel...

Depois se xingaram um ao outro. “Judeu e Meio” xingou Bénia. Eu não presenciei essa briga. Mas os que estavam lá se lembram. Fecharam o acordo em cinco mil rublos no ato e mais cinquenta mensais.

— Tia Péssia — disse então Bénia para a velhinha desgrenhada, que se retorcia no chão. — Se a senhora precisar da minha vida, pode vir tomar, mas todo mundo erra, até Deus. Foi um erro enorme, tia Péssia. Mas também não foi um erro da parte de Deus pôr os judeus na Rússia para que fossem atormentados como no inferno? Por acaso seria ruim se os judeus morassem na Suíça, onde viveriam cercados de lagos de primeira classe, ar de montanha e franceses perfeitos? Todos erram, até Deus. Escute-me com os ouvidos, tia Péssia. A senhora tem cinco mil na mão e cinquenta rublos mensais até morrer. E que viva cento e dez anos. O enterro de Iossif será de primeira classe: seis cavalos iguais a seis leões, duas carruagens com coroas de flores, um coro da sinagoga Bródskaia, o próprio Minkóvski virá celebrar a cerimônia para seu falecido filho...

E o enterro ocorreu na manhã seguinte. Sobre esse enterro, pode perguntar aos mendigos do cemitério. Pergunte para eles sobre os salmistas da sinagoga, sobre os vendedores de aves *kosher* ou sobre as velhas do segundo asilo. Um enterro assim Odessa nunca tinha visto nem o mundo verá. Naquele dia, os policiais vestiram luvas de malha. Nas sinagogas, enfeitadas de verde e com portas e janelas todas abertas, ardia a eletricidade. Nos cavalos brancos, atrelados à carruagem, balançavam plumas pretas. Sessenta cantores marchavam à frente do cortejo. Os cantores eram meninos, mas cantavam com voz de mulher. Os decanos da sinagoga, comerciantes de aves *kosher*, conduziam tia Péssia pelo braço. Atrás dos decanos vinham os membros da sociedade dos empregados de escritório judeus e, atrás dos empregados de escritório judeus, vinham os advogados, os doutores em medicina e as enfermeiras parteiras. De um lado da tia Péssia, estavam as vendedores de galinha do mercado antigo e do outro lado, as respeitadas leiteiras de Bugaióvka, envoltas em xales laranja. Batiam com os pés como soldados na parada em dia de festa. De suas ancas largas vinha um cheiro de mar e de leite. E atrás de todos se arrastavam os funcionários de Ruvim Tartakóvski. Eram cem pessoas, ou duzentas, ou duas mil.

Vestiam casacões pretos com lapelas de seda e botas novas, que guinchavam como leitões dentro de um saco.

E agora vou falar como Deus falou no monte Sinai, de dentro da sarça ardente. Guarde minhas palavras em seus ouvidos. Tudo que vi, vi com meus olhos, sentado aqui, no muro do segundo cemitério, ao lado do ciciente Moisseika e de Chimchom, da agência funerária. Eu vi, Arie-Leib, judeu orgulhoso que vive junto aos mortos.

A carruagem chegou à sinagoga do cemitério. Colocaram o caixão no patamar. A tia Pêssia tremia como um passarinho. O cantor principal desceu do faetonte e começou a ladainha. Sessenta cantores o acompanharam. E naquele instante um automóvel vermelho atravessou o portão. Tocou *Ride, Palhaço* e parou. As pessoas ficaram em silêncio, que nem mortos. Silenciaram as árvores, os cantores, os mendigos. Quatro homens saíram de debaixo do teto vermelho e, em passos lentos, levaram à carruagem uma coroa de rosas como jamais se viu. E quando a ladainha terminou, os quatro homens ergueram o caixão sobre os ombros de aço, com os olhos em chamas e o peito estufado, caminharam juntos com os membros da sociedade dos empregados de escritório judeus.

À frente ia Bênia Krik, que na época ninguém ainda chamava de Rei. Foi o primeiro a chegar ao túmulo, subiu num montinho de terra e estendeu a mão.

— O que deseja fazer, meu jovem? — se aproximou dele Kofman, da confraria funerária.

— Quero fazer um discurso — respondeu Bênia Krik.

E fez o discurso. Todos que quiseram ouvir, ouviram. Eu, Arie-Leib, ouvi, e também o ciciente Moisseika, que estava sentado no muro, a meu lado.

— Senhores e senhoras — disse Bênia Krik. — Senhores e senhoras — disse ele, e o sol se deteve acima de sua cabeça, como uma sentinela com um fuzil. — Vocês vieram prestar as últimas homenagens a um honrado trabalhador que foi morto por causa de uma moedinha de bronze. Em meu nome e em nome de todos que não estão presentes aqui, agradeço a vocês. Senhores e senhoras! O que viu nosso prezado Iossif em sua vida? Viu umas poucas bobagens. Com o que se ocupava? Contava o dinheiro alheio. Por que foi morto? Morreu pela classe trabalhadora inteira. Há gente condenada a morrer e há gente que ainda não começou a viver. E aí uma bala que voava para o peito de um condenado perfura Iossif, que na sua vida não viu nada senão umas poucas bobagens. Há gente que sabe beber vodca e há gente que não sabe beber vodca, e mesmo assim bebe. E os primeiros extraem prazer tanto da dor como da alegria, enquanto os outros sofrem por todos que bebem vodca sem saber beber. Por isso, senhores e senhoras, depois que tivermos rezado pelo nosso pobre Iossif, peça a vocês que visitem o túmulo de um desconhecido de vocês, o já falecido Saviéli Bútsis...

E, terminado o discurso, Bênia desceu do montinho de terra. As pessoas, as árvores e os mendigos do cemitério ficaram em silêncio. Dois coveiros levaram um caixão sem pintura para uma cova vizinha. O cantor, gaguejando, terminou a prece. Bênia jogou a primeira pá de terra e foi para o túmulo de Savka. Atrás dele, como ovelhas, foram todos os advogados e as senhoras com broches. Obrigou o cantor a entoar, sobre a sepultura de Savka, a ladainha completa, e sessenta cantores o acompanharam. Savka jamais sonhou com um enterro assim

— acreditem na palavra de Arie-Leib, velho ancião.

Dizem que nesse dia “Judeu e Meio” decidiu fechar seu negócio. Isso eu não vi. Mas que nem o cantor principal, nem o coro, nem a confraria fúnebre pediram dinheiro pelo enterro, isso eu vi com os olhos de Arie-Leib. Arie-Leib, é assim que me chamo. E não pude ver mais nada, porque as pessoas, se afastando discretamente do túmulo de Savka, depois desataram a correr como se fugissem de um incêndio. Voaram nos coches, nos faetontes ou a pé mesmo. E só aqueles quatro que chegaram dentro do carro vermelho foram embora no mesmo automóvel. A buzina musical tocou sua marcha, o carro estremeceu e se foi.

— O Rei — disse o ciciante Moisseika, ao ver o carro passar, o mesmo Moisseika que toma de mim os melhores lugares no muro.

Agora você já sabe de tudo. Sabe quem foi o primeiro que pronunciou a palavra “Rei”. Foi o Moisseika. Você sabe por que ele não chamou assim nem o caolho Gratch, nem o furioso Kolka. Você sabe tudo. Mas de que adianta se no seu nariz, como antes, tem os óculos, e na alma tem o outono?

* *Pagliacci*, ópera de Leoncavallo, de 1892.

** Rublos ucranianos.